

INTERDISCURSIVIDADE EM SALA DE AULA: O DISCURSO DO PROFESSOR¹

BATISTA, Paula Henrique²

BITTENCOURT, Ricardo Luiz de³

PEREIRA, Rúvia Rafaelle Pimentel⁴

RESUMO: Na posição de *transmissor* do conhecimento, o professor, às vezes, acaba por adquirir aspectos autoritários. No entanto, deve-se considerar que seu discurso passa a ser formado a partir de tantos outros, de modo a se manifestar numa linguagem mais propícia ao entendimento de seus *ouvintes*. Isto remete a sua formação profissional, as informações e conhecimentos que este teve acesso. Um dos programas que possibilita maior conhecimento acerca do ser professor é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Um dos subprojetos deste programa é o Interdisciplinar, cuja proposta consiste no trabalho coletivo baseado na interação entre disciplinas. Esse aspecto também é observado na interdiscursividade, que integra os discursos que cercam a sala de aula, sendo um dos conceitos essenciais da língua portuguesa. Desse modo, buscou-se, neste artigo, perceber o que forma o discurso do professor, a partir de autores como Mulik (2011), Rocha & Rei (2010) e Crestani (2013). Bem como refletir sobre a atuação e formação do diálogo do professor em sala de aula, considerando uma perspectiva interdisciplinar.

Palavras-chave: Interdiscursividade. Formação do professor. Discurso do professor. Interdisciplinar.

1 INTRODUÇÃO

Em sala de aula, tomado pela função de *transmissão* do conhecimento, o professor às vezes acaba por incorporar em sua fala diversos outros discursos, moldando-a de acordo com as necessidades do momento, em uma linguagem que busca se adaptar ao alcance dos alunos. Nesse interim, vê-se, no entanto, que há, além da posse da palavra pelo conhecimento, o autoconvencimento de muitos de que sua posição frente à sala é de certo autoritarismo e de que os alunos, nesse meio, nada sabem e podem contribuir.

Ademais, tendo em vista os estudos realizados a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), particularmente no Subprojeto Interdisciplinar da

¹ Estudo produzido pelo Projeto Interdisciplinar financiado pela CAPES.

² Acadêmica do Curso de Letras, Bolsistas do PIBID – Subprojeto Interdisciplinar. GP Políticas, saberes e práticas de formação de professores. UNESC – Criciúma.

³ Graduado em Pedagogia. Doutor em Educação. Coordenador do PIBID – Subprojeto Interdisciplinar. Líder do GP Políticas, saberes e práticas de formação de professores. UNESC – Criciúma.

⁴ Acadêmica do Curso de Letras, Bolsistas do PIBID – Subprojeto Interdisciplinar. GP Políticas, saberes e práticas de formação de professores. UNESC – Criciúma.

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), propõe-se também relevar a importância da valorização do conhecimento dos alunos para os professores em formação. É ao considerar isso que o presente artigo busca refletir sobre a interdiscursividade em sala de aula, com foco para o discurso do professor. Desta maneira, pretende-se refletir e constatar brevemente a importância da consciência dessa interdiscursividade e de uma leitura mais atenta e dialógica.

Com esse propósito, contou-se com alguns autores como Orlandi (2003), Mulik (2011), Rocha & Reis (2010) e Crestani (2013), para observar e constatar a interdiscursividade em sala de aula e o discurso do professor nesse aspecto. Sendo a partir disto observado qual a relevância que, mesmo inconscientemente, os professores dão aos conhecimentos dos alunos e suas leituras de mundo. A fim de ter uma visão mais ampla acerca do conteúdo abordado, decidiu-se por separar o presente artigo em duas partes, sendo a primeira representando alguns aspectos importantes acerca da interdiscursividade e a segunda acerca desta em sala de aula, nas ações e discurso do professor.

2 ASPECTOS DA INTERDISCURSIVIDADE

Para que se possa compreender melhor o que se define como *interdiscursividade*, convém compreender alguns termos como *texto*, *enunciado*, *discurso* e *intertextualidade*. Esses termos permitem uma compreensão mais ampla sobre as formas de expressão pela escrita e pela fala, sendo meios de comunicação extremamente importantes.

Certo de que o texto expressa a materialidade das palavras, vê-se, segundo Rocha & Reis (2010, p. 506), a partir de Bakhtin (2003), que “o texto, em uma concepção ampla, pode ser compreendido como a materialização da interação entre dois sujeitos - um autor e um leitor, em uma relação dialógica”. Isto é, o texto se além a forma, materialização, desta interação.

A partir deste termo – *texto* – pode-se buscar compreender a noção de *enunciado*, que não se restringe a forma, partindo para o sentido da interação entre sujeitos, buscando a ideia e a intenção por trás disto. Assim sendo, “texto e enunciado são distintos, na medida em que o segundo permite resposta e a construção de um sentido, ao passo que o primeiro é apenas a manifestação do segundo” (ROCHA; REIS, 2010, p. 507). Ou seja, a noção de *enunciado* é mais ampla, sendo que contempla o sentido e a construção de diálogos, enquanto o texto é apenas a manifestação da materialização disto.

De acordo com Crestani (2013, p. 4), quanto ao termo *discurso*, percebe-se que este é entendido

como ideias, correntes de pensamentos, abstrações... que só se dão a conhecer quando enunciadas, quando transformadas em enunciados. Ou seja, surge um enunciado quando um sujeito se “apropria” de um desses discursos e o enuncia à sua maneira, sob seu ponto de vista, suscitando, com seu dizer, atitudes responsivas de outros enunciados com os quais o seu dialoga. (CRESTANI, 2003, p. 4).

Isto é, o discurso seria, assim como o enunciado, ligado ao sentido, porém não se manifestaria como este, que surge no momento em que o indivíduo se apropria de um discurso. Dessa forma, pode-se dizer que o discurso antecede o enunciado, embora, no entanto, não “evapore” ao passo que este surja.

Já em relação à intertextualidade, vê-se que esta “está relacionada aos textos que resultam do processo de enunciação” (ROCHA; REIS, 2010, p. 506), e que dialogam entre si. Isto é, por meio da materialidade que é o texto, se encontra a interação entre sujeitos, o diálogo. Muito visto em charges, paródias, poemas, etc. Visto que, em relação à intertextualidade, pode-se dizer que o prefixo *inter-* se refira à questão da interação, convém supor que o mesmo aconteça em relação à interdiscursividade. Deste modo, há uma interação entre discursos. Com efeito, nas palavras de Rocha & Rei (2010, p. 506), “a interdiscursividade refere-se ao

processo discursivo em si”. Assim sendo, a importância recai sobre as ideologias e correntes de pensamentos, em diálogo/interação, dos sujeitos em questão.

Ademais, observando a intertextualidade e a interdiscursividade, vê-se que, de acordo com Rocha & Reis (2010, p. 506), ambos os “fenômenos referem-se à pluralidade de vozes que permeia o processo textual e discursivo”. Sendo que, “enquanto na intertextualidade a relação ocorre entre textos e sua materialidade, na interdiscursividade a relação ocorre entre sentidos” (ROCHA; REIS, 2010, p. 514). Portanto, pode-se dizer que toda intertextualidade possui interdiscursividade, mas nem em toda interdiscursividade há intertextualidade.

De acordo com Rocha & Rei (2010, p. 509), “É na relação com o discurso do outro que se apreende a ideologia e o aspecto histórico-social que perpassa o discurso [...]”. Ou seja, todo conhecimento é moldado a partir de conhecimentos adquiridos anteriormente, sendo assim dependentes dessas informações adquiridas de modo a aumentar a compreensão que se pode ter de outro discurso. Assim:

todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras. [...] Assim, os sentidos são construídos a partir do contexto dessa produção, do conhecimento prévio, da visão de mundo dos sujeitos e das diferentes vozes que se incorporam no processo discurso. (ROCHA; REIS, 2010, p. 507).

Isto é, todo conhecimento se baseia nas experiências anteriores. A partir da leitura de Orlandi (2003), pode-se acrescentar que “o discurso se constitui em seu sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (p. 43). Nisto, convém dizer que é importante considerar a questão do sujeito, que é histórico-social. Ou seja, não há discursos iguais, o que demonstra que a interação entre eles é um produto de contínua mudança. Portanto, tal como o enunciado, a interdiscursividade é irrepetível.

Sem dúvidas pode-se dizer, então, que devido a este fato, de se aprender com o anterior, a humanidade progrediu de forma considerável. Dado que esta capacidade de dialo-

gar com discursos de outros possibilita um desenvolvimento favorável do pensamento humano. Ademais, segundo Rocha & Reis (2010, p. 509), “essas vozes podem ser incorporadas de duas maneiras: na própria composição do texto, citada explicitamente, ou no dialogismo interno relacionando um dado discurso a outros anteriores (FIORIN, 2006)”. Isto é, intertextualidade e interdiscursividade, respectivamente.

Em mesmo sentido, se observa a interdisciplinaridade, que é, em base, um processo de diálogos de discursos (interdiscursividade). Assim como comentado acerca do prefixo *inter-*, a interdisciplinaridade parte de uma interação, nesse caso, de disciplinas (ciências) diversas, algo que atualmente se vê como necessário nas salas de aula e na própria formação contínua do professor. Isto é, o professor precisa estar consciente da existência e importância dos discursos dos outros, e dialogar com estes quando possível.

Considerando, nesse aspecto, a interdisciplinaridade como essencial ao professor, abrangendo uma visão de mundo coletiva, segundo Thiesen (2008), e Fazenda (1995), pode-se constatar que “Numa sala de aula interdisciplinar, a obrigação é alternada pela *satisfação*, a *arrogância* pela *humildade*, a *solidão* pela *cooperação*, a *especialização* pela *generalidade*, o *grupo homogêneo* pelo *heterogêneo*, a *reprodução* pelo *questionamento do conhecimento*” (FAZENDA, 1995, p. 83). Com efeito, essa constante busca pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional e pessoal, possibilitará aos alunos e professores uma formação crítica e moral. Nesse ponto, vê-se o papel da interdiscursividade, que garante uma integração dos conhecimentos científicos.

Desse modo, reconhecendo a importância da interdiscursividade, isto é, da formação e interação do discurso de indivíduos, ressalva-se que se deve então, ser bem explorada esta capacidade. Dentro e fora da sala de aula. É um dos objetivos do professor, então, utilizar-se desta para que o conhecimento seja mais bem trabalhado e incentivado. No entanto,

deve-se considerar como fazê-lo, pois o papel do professor é, em suma, crucial no desenvolvimento dos alunos.

3 INTERDISCURSIVIDADE DENTRO DA SALA DE AULA

Tendo em vista que a interdiscursividade parte de ideologias e de diálogos, em constante construção, convém então observar sua importância em sala de aula. Não sendo apenas algo presente em aulas de Língua Portuguesa – diga-se considerando esta a disciplina em que se estudam as manifestações do discurso, língua materna e, portanto, considerada foco do estudo desta –, como pode ser questionado, mas em toda e qualquer disciplina que abrange correntes de pensamento humano e diálogos. O *discurso*, como observado, é tido como uma manifestação social. De modo que interpretar discursos e produzir enunciados faz parte do cotidiano.

De acordo com Rocha & Reis (2010, p. 505), a “relação [do sujeito] com a realidade é mediada pela linguagem nas diferentes situações comunicativas das quais participa, que se materializam em textos, enunciados e discursos”. Isto é, em meio de interação social, costuma-se utilizar estes meios citados anteriormente para uma compreensão mais apropriada do que se pretende passar ou receber. De modo que se veem os códigos utilizados por dada comunidade social para que exerçam a função de “[...] mediador[es] da relação dos indivíduos com a realidade [...]” (ROCHA; REIS, 2010, p. 505). Em outras palavras, são os signos e códigos utilizados na comunicação que permitem uma coordenação em sociedade e organização social. Como resultado, vê-se que “apreender os confrontos que geram os sentidos desse enunciado/discurso é essencial para que o sujeito possa captar o dialogismo que perpassa por ele” (ROCHA; REIS, 2010, p. 509), tendo assim meios de compreender mais amplamente os fatos que são responsáveis pela comunicação do grupo.

Cada indivíduo possui um histórico de experiências, que marcam o modo como o mesmo interpreta a realidade a sua volta, sendo algo único. Isto remete ao fato de que, num grupo, há diversas visões diferentes sobre a realidade, o que pode ocasionar em divergências de opiniões. Contudo, essa diversidade tem seus benefícios que, ao ser bem desenvolvida, permite uma melhor compreensão da realidade, a partir da criticidade e do diálogo com o grupo. Para isso, precisa-se saber ouvir e respeitar opiniões alheias, buscando compreender os diferentes pontos de vista, de modo a avaliar as melhores posições frente ao que se está sendo debatido. Deve-se sempre considerar que cada pessoa possui sua interpretação da realidade, e, por isso, saber respeitar outras opiniões é de suma importância, já que garantirá um melhor convívio social.

O constante contato com diferentes visões de mundo, seja ela por meios orais ou escritos, possibilita que o indivíduo desenvolva sua criticidade. Convém acrescentar que, como abordado por Thiesen (2008), a sociedade atual está cada vez mais diversificada, o que implica que o diálogo, isso é, a interação entre diferentes opiniões e disciplinas, garante uma melhor compreensão de mundo. Não desconsiderando a necessidade de saber ouvir e estar apto a mudar de opinião. Visto desse modo, como observado nas Diretrizes para a Organização da Prática Escolar na Educação Básica (2000), a sala de aula, como ambiente social e de educação, deve possibilitar esse desenvolvimento, tendo o professor como mediador, utilizando da interdiscursividade como ponto chave de compreensão dos discursos presentes no cotidiano.

Nesse interim, convém observar o ambiente de sala de aula, que é formado por dois principais elementos: o professor e os alunos. Em relação ao professor, como mostra Mulik (2011), estando ou não consciente do fato, este toma posse de um discurso autoritário⁵, por

⁵ Sendo aqui diferenciado do que Orlandi (2003, p. 86-7) denomina como discurso autoritário, ao qual a autora explica levar o termo em questão do fato simbólico, e não uma questão moralista, de caráter do locutor, isto é, no artigo de Mulik vê-se realmente o professor como ser autoritário.

vezes camuflado. Segundo Mulik (2011, p. 2), o professor “é tido como sujeito idealizado que possui o saber e está na escola [para] ensinar”, de modo que, como se pode notar, o poder a ele transmitido lhe dá margem a um domínio sobre a sala que frequentemente não deixa de ser autoritário. No artigo de Mulik (2011), observou-se esse autoritarismo camuflado ao passo que o professor tenta comandar a turma a sua maneira. Isto é, de modo a moldar o conteúdo – perguntas e respostas – de acordo com o que espera ouvir, sem dar um espaço apropriado para que os alunos pensem e tenham tempo de refletir, construindo suas próprias linhas de pensamento acerca do que se está planejado trabalhar. Não deixando de considerar que a função do professor é auxiliá-los na construção do conhecimento, partindo do que sabem e de suas dúvidas. No entanto, por vezes o professor se acomoda a dar a resposta, impedindo que o aluno chegue a ela por si só, que desenvolva sua autonomia. Não havendo, assim, interação entre os manifestantes, professor e alunos. Um discurso quase monólogo, cujo objetivo é *ensinar*. Não há resposta única sobre a forma em que se ensina ou se comunica com os alunos, dado que toda turma possui suas particularidades. Ainda assim, deve-se considerar refletir como está o discurso do professor em sala de aula.

Tomando as palavras de Mulik (2011, p. 2), em que “a imagem social do aluno é daquele que ‘não sabe nada’ e precisa da escola para aprender”, pode-se dizer que muitos professores adotam o autoritarismo – mesmo que camuflado – como forma de lidar com a *transmissão* de conhecimento, de maneira a que esta concepção sobre os alunos seja de certo modo uma afirmação para estes.

Contudo, sabe-se, a partir do que se fora – brevemente – observado, que o discurso do professor é movido por outros discursos, proveniente de sua formação acadêmica e pesquisas, de sua interação social, suas experiências no geral. O que constitui, conscientemente ou não, a presença da interdiscursividade em todas as aulas. Porém, deve-se constatar que, dando a oportunidade de fala aos alunos, isso garantirá um desenvolvimento mais consciente

desta questão de diálogo e interação de discursos e enunciados. Se considerar que o *discurso* vem de dentro, sendo conteúdos que a pessoa tem interpretado e os expõe, observa-se que a interdiscursividade é tão presente quanto o próprio ato de pensar.

Um fato a ser analisado é o que se espera que um professor tenha para bem desenvolver sua profissão. Algumas das características seriam: equilíbrio, flexibilidade, boa comunicação, respeito com as diversidades, adaptar-se a sala de aula, bom senso, autoridade – sendo esta proveniente do conhecimento adquirido e não pelo poder que a profissão supostamente lhe passa –, linguagem mais acessível aos alunos – que pode ser “dominada” com o tempo a partir da experiência – entre outras.

Em sala de aula, costuma-se pedir a leitura e/ou produção de textos, em praticamente todas as disciplinas. Neste ponto, seria útil observar que uma leitura interdiscursiva auxilia no desenvolvimento da compreensão leitora. Visto que, de acordo com Rocha & Rei (2010, p. 506), “[...] em uma concepção mais ampla de leitura, [...] o sentido é construído pela interdiscursividade, pois é a partir da memória dos discursos anteriores que o indivíduo estabelece o diálogo discursivo e interpreta a realidade”. Ou seja, é com base em seus conhecimentos anteriores que o indivíduo consegue compreender outros textos que, direta ou indiretamente, retomam conhecimentos necessários para sua compreensão.

Entretanto, como ressaltado por estes autores,

As práticas de leitura desenvolvidas na escola estão, ainda hoje, voltadas para uma concepção tradicional de ensino, que pouco tem acrescentado à formação leitora do aluno. Nota-se que a leitura na sala de aula [...] ainda se desenvolve de acordo com o modelo clássico, que não possibilita ao aluno construir seus próprios sentidos para os textos lidos. (ROCHA; REIS, 2010, p. 513-514).

Portanto, cabe aos professores utilizar esta informação e buscar incluir em suas aulas leituras que permitam a percepção desta interdiscursividade, ou que dela utilizem para uma construção mais significativa de conhecimento. Assim como, sendo papel da escola num

todo, convém “ajudar o aluno a acionar, em suas leituras, seus conhecimentos prévios que, aliados aos novos conhecimentos adquiridos na escola possibilitem a sua interação consigo mesmo e com o seu mundo social” (ROCHA; REIS, 2010, p. 514). Isto é, perceber, nas diversas leituras, propostas em sala ou não, relações intertextuais e interdiscursivas, de modo a compreender os significados dos discursos apresentados.

Para esta finalidade, uma opção factível, de acordo com Rocha & Rei (2010, p. 514), “seria a incorporação de uma prática docente pautada na teoria dialógica bakhtiniana dos gêneros discursivos, que possibilitaria um trabalho mais reflexivo de leitura e a formação de alunos leitores mais críticos e conscientes”. Deve-se ponderar que é essencial a elaboração de “prática[s] de ensino coerente[s] com a realidade atual [...] que valorizem a leitura numa perspectiva mais interativa e dialógica” (ROCHA; REIS, 2010, p. 514). Posto que, desta maneira, poder-se-ia alcançar a tão ansiada formação de alunos mais conscientes e presentes de uma sociedade letrada.

Por outro lado, não se pode esquecer que, em virtude da ação e do discurso do professor, convém refletir sobre a relação entre aluno e professor, de modo a afastar a soberania presente desde muito tempo em classe, em decorrência do autoconvencimento de poder por meio de títulos e não de conhecimento. Se os professores se conscientizarem de suas ações e continuarem em busca de melhoria, de leituras mais interdiscursivas e que anseiem pela construção significativa do conhecimento alheio, se poderá constatar que o diálogo é fonte essencial do pensamento humano.

4 CONCLUSÕES

O presente trabalho, cujo intento fora observar e refletir sobre o discurso do professor e suas maneiras de interação com os alunos, mostra que o professor precisa considerar seu papel em sala de aula e saber que seu discurso, ou enunciados, precisa ser formado por

bases sólidas e numa linguagem acessível aos alunos, além de lhes permitir tempo para refletir sobre o que se está tomando como conteúdo a ser estudado. Tendo, então, uma rápida observação sobre os termos comumente usados ao se falar em discurso, pode-se ter uma noção um pouco mais ampla sobre o próprio ato de escrever e falar.

O professor não é uma fonte inesgotável de saber, um *sabe-tudo*. Os professores precisam sair de suas zonas de confortos, e é nesse momento que envolve a interdiscursividade. Em que este precisa estar em diálogo com os diversos discursos presentes em sala de aula. Sendo por meio desse diálogo que se auxiliará aos alunos formularem suas visões de mundo, numa perspectiva mais crítica e interdisciplinar. Dessa forma, o professor precisa estar disposto a aceitar novos conhecimentos.

Todo ser humano é produtor de discursos e experiências que, de um modo ou de outro, acabam por ser importantes a sua maneira. Nesse aspecto, as salas de aulas são espaços criados para a aprendizagem e socialização. Não apenas um espaço de *transmissão* de conhecimento, mas em que se possa construí-lo e compartilhá-lo. Há, então, um aspecto importante observado, que seria a maneira a que o professor se coloca frente à classe. Isto é, os alunos. Embora seja, de fato, uma posição merecedora de respeito e conhecimento, por vezes acaba se tornando uma espécie de título que garantiria o domínio do autoritarismo. Como percebido em Mulik (2011), em que o professor se torna dono e comandante, autoritário, da aula.

Nesse aspecto, observa-se que, como dito, os discursos por si agem como interdiscursos. Mas que o interdiscurso deve ser valorizado e compreendido como modo de elaboração constante de conhecimento e interação social. Visto que, assim sendo, a leitura, um dos principais meios de comunicação e estudo, deveria ser mais bem trabalhada em classe. A interdiscursividade, como observado, compõe-se como um elemento crucial na comunicação social, pois garante a possibilidade de diálogo de ideias, num processo constante de crescimento ideológico e pessoal. As experiências, leituras e conhecimentos adquiridos, se

bem instruídos, colaboram na formação de um cidadão mais crítico e participante de uma comunidade leitora.

REFERÊNCIAS

CRESTANI, Luciana Maria. **Intertextualidade e interdiscursividade em pauta nas aulas de língua materna.** Passo Fundo, 2013. 08 pp. Disponível em: <<http://jornadasliterarias.upf.br/15jornada/images/stories/trabalhos-12-seminario/03-luciana-maria-crestani.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

MULIK, Kátia Bruginski. O autoritarismo “camuflado” e a interdiscursividade presentes no discurso do professor. **Letras Escreve**, UNIFAP, v. 1, n. 2, p.1-16, nov. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/494>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ROCHA, Roselane da; REIS, Evelize Maria Monteiro Chaves dos. Intertextualidade e interdiscursividade: as relações que permeiam o discurso e o ensino de língua materna. In: Seminário de pesquisas em linguística aplicada (SEPLA), 6., 2010, Taubaté. **Anais...** Taubaté: UNITAU, 2010. p. 505 - 516. Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/6sepla/site/resumos_expandidos/ROCHA_Roseleane_de_REIS_Evelize_Maria_Monteiro_Chaves_dos_P_505_516.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SANTA CATARINA. **Diretrizes para a organização da prática escolar na educação básica: ensino fundamental e ensino médio.** Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2000, 76 p.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2008, v.13, n. 39, p. 545-554.